

SANTOS, Mariana Moreira dos ¹

MIRANDA, Dayse Lago de ²

RESUMO: Este trabalho reflete sobre as experiências e práticas pedagógicas vivenciadas durante o estágio no Programa de Apoio e Acompanhamento Pedagógico (PAAP), em uma escola da rede municipal de Salvador-BA, realizado em parceria com a Secretaria Municipal da Educação (SMED) e o Centro de Integração Empresa Escola (CIEE). O objetivo é descrever as primeiras impressões sobre a eficácia do programa no desempenho pedagógico dos alunos e refletir sobre as melhorias a serem feitas no ensino na Educação Básica. O referencial teórico inclui as concepções de Bondía (2002) sobre experiência, Soares (1998) sobre alfabetização e letramento, e Mello (2010) sobre a construção de sentido histórico, social e cultural. Dessa maneira, o texto enfatiza a promoção da autonomia dos alunos por meio da leitura e escrita, bem como a forma como as experiências vividas contribuem para a construção da identidade da professora.

PALAVRAS-CHAVE: Relato analítico, Práticas Pedagógicas, Observação.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende narrar/refletir sobre minhas experiências e práticas pedagógicas desenvolvidas durante o estágio no Programa de Apoio e Acompanhamento Pedagógico (PAAP), em uma escola vinculada à rede municipal de ensino de Salvador-BA, programa desenvolvido pela Secretaria Municipal da Educação (SMED), em parceria com o Centro de Integração Empresa Escola (CIEE).

Assim sendo, objetiva-se descrever as primeiras impressões e a eficácia do programa em promover a melhoria do desempenho pedagógico dos alunos, além de contribuir para a reflexão a partir da minha própria prática e da identificação de melhorias a serem feitas no ensino em classes da Educação Básica.

A partir dessas experiências vivenciadas, passei a refletir como as metodologias utilizadas influenciaram na construção de melhores práticas pedagógicas, bem como em minha formação inicial como docente. Assim, pude

¹Graduanda de licenciatura do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, marriana001@gmail.com.

² Professora orientadora, Doutora, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, dayselago@gmail.com.

compreender que os momentos desafiadores se configuraram como fundantes para o fortalecimento da minha formação profissional.

São utilizados como referencial teórico-metodológico deste relato, os pressupostos conceituais de Bondía (2002) ao abordar o conceito de experiência; a concepção de Soares (1998) sobre alfabetização e letramento, e Mello (2010), ao contribuir com reflexões acerca da importância da construção de sentido que levem os sujeitos a perceberem a sua função histórico, social e cultural no mundo.

Portanto, o texto abordará a importância de promover a autonomia dos alunos através da leitura e escrita; como também, a compreensão de que momentos desafiadores, experiências e vivências, fortalecem a construção da identidade docente.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

A fim de dar sentido ao que sou e ao que sinto durante a minha trajetória como formanda, ao que me acontece e me transforma como docente, utilizei o conceito de experiência, segundo Bondía (2002). Aqui, a aceção de experiência não é associada ao empirismo e acúmulo de “prática da vida” ou de conhecimentos vivenciados ao longo da vida, mas na qual a experiência não é algo exterior ao sujeito, mas relacionado ao sujeito que a vive, consente que algo lhe aconteça, que algo lhe toque, lhe suceda.

Assim sendo, busquei ao máximo me conectar com a experiência, aos momentos vivenciados com/para as crianças, a partir de reflexão sobre as práticas pedagógicas e seu planejamento. Certamente que, necessitei me debruçar sobre os acontecimentos em momentos posteriores, pois durante às aulas fiquei com atenção voltada para as intervenções a serem realizadas e em absorver cada momento e seus detalhes.

Ancorou-se ainda, nos conceitos de alfabetização e letramento defendidos por Soares (1998). Para esta autora, alfabetização é a ação de ensinar a dominar as habilidades básicas do uso da leitura e escrita, ao passo que letramento é o uso competente e frequente da leitura e da escrita no desenvolver e aprender uma dimensão de significados culturais. Logo, refletir quais materiais didáticos utilizar e como transformar a sala de aula em ambiente que possibilite alfabetização e letramento, se faz necessário.

Em virtude disso, fui incentivada a investir em leituras e planos de aula dinâmicos capazes de ampliar os conhecimentos dos meus alunos, com eles transformar o nosso ambiente em um lugar mais aconchegante e capaz de levá-los a outra atmosfera de ensino diferente de salas desmotivantes, usualmente utilizada nas salas regulares.

Além disso, aspectos sustentados por Malhotra (2001, p. 108), sobre a pesquisa descritiva foram basilares para reflexão dessa experiência quando relata que “é um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo a descrição de algo”, para que quem lê possa ter a capacidade de imaginar o que está sendo descrito como, por exemplo, os objetos, lugares, acontecimentos ou pessoas. Defende ainda que a pesquisa é “um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo o fornecimento de critérios sobre a situação-problema enfrentada pelo pesquisador e sua compreensão”.

Assim sendo, ao tempo que eu vivenciava uma prática pedagógica, este poderia ser um importante momento formativo a partir de análise e compreensão desse meu “quefazer”.

RELATO ANALÍTICO

Bondía (op.cit.) pontua que a experiência é o que nos afeta e nos sensibiliza, e com tantas informações ao nosso redor, precisamos estar atentos para as nossas vivências e aprendizagens, que em muitas vezes passam despercebidas aos nossos olhos. Dessa maneira, escrevo este texto a partir do momento em que fui tocada pelo ato de ensinar.

A unidade escolar Escola Municipal Comunitária Santa Izabel localiza-se no bairro de Nova Sussuarana, Salvador-BA. Possui 10 salas de aulas climatizadas para os turnos matutino e vespertino; secretaria; brinquedoteca; sala de professores; coordenação e diretoria; cozinha; banheiros feminino e masculino; pátio coberto e uma área livre para recreação e lanche. Atende 300 alunos da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental I. Oriundos de classe média baixa, moradores de bairros periféricos. Possui equipamentos básicos, como máquina de xerox, impressora, notebook, som, TV e livros didáticos enviados pelo Ministério da Educação. No entanto, apesar de recém-reformada, não possui uma sala de atendimento educacional especializado — AEE, materiais e profissionais qualificados para atender os estudantes com deficiência.

Ao ser contratada pela Prefeitura para atuar nessa Escola como estagiária do PAAP, em março de 2023, identifiquei que as salas de aulas, mesmo as da educação infantil, possuíam pouca estimulação visual que levassem as crianças a se sentirem entusiasmadas ou encantadas com a descoberta da leitura e escrita.

Dessa maneira, rememorei às aulas do componente Alfabetização e Letramento, do curso de Pedagogia, do Departamento de Educação/UNEB, a qual sempre era evidenciado que um ambiente alfabetizador precisa ser organizado e planejado para conquistar aqueles que queremos que sejam conquistados, criar estímulos para que os alunos se sintam pertencentes e entusiasmados a estarem naquele lugar.

Bem como, recordei as premissas de Soares (op.cit.) de que as escolas precisam levar a seus alunos práticas que o possibilitem ler e escrever de forma crítica e emancipadora, com a competência para opinar e expressar suas ideias diante da sociedade, e assim facilitar a formação de um cidadão crítico e participativo.

Mesmo estando no início do ano letivo e com vários livros didáticos expostos nos balcões das salas, senti falta desse espaço que convidasse os pequenos a entrarem no mundo da leitura e escrita. Não somente, a falta de uma sala de aula colorida, com espaços agradáveis de acolhimento; mas, paredes e tetos que estimulassem a imaginação e criatividade, afinal são crianças curiosas, cheias de energia e não soldados em treinamento. Logo, percebi a necessidade de possibilitar às crianças momentos prazerosos para aprendizagem da língua escrita como objeto social (Ferreiro, 2011, p.99).

Assim sendo, um ambiente alfabetizador necessita muito mais que materiais que instruem ou levem ao conhecimento das letras, mas um local de valorização que aprimore os múltiplos conhecimentos já possuídos pelas crianças que ali chegam. Visto que é a escola quem precisa cativar e ser parceira do aluno e não o contrário, porque a ação de aprender a língua escrita e falada pode ser feita em qualquer lugar e com qualquer pessoa.

Dito isso, assim que assumi como professora do reforço escolar, me instalei na sala disponível e transformei-a em uma brinquedoteca/espço de leitura. Como também, após autorização e ajuda das gestoras, obtive os materiais, brinquedos e livros que se encontravam guardados no depósito da escola.

Imediatamente, a primeira ação coletiva com os alunos foi a de limpar a sala e organizar os materiais nas bancadas, instalar os tapetes, tatame colorido de alfabeto,

montar nosso cantinho da leitura e instalar os brinquedos disponibilizados. Ao longo das aulas, produzimos materiais e exibimos as nossas escritas e oficinas, o que possibilitou que incrementássemos mais o espaço e o tornasse mais aconchegante e adequado para aulas de alfabetização.

É notável, que após várias transformações, nosso cantinho de leitura ficou amplo e bem abastecido de livros de diversas categorias, o que as crianças amaram, e hoje é utilizada não somente para os meninos do reforço, mas também por todos da escola, como um espaço para brincar, ler, produzir e nas horas vagas um canto para as professoras planejarem e realizar as suas atividades.

Em seguida, após diagnóstico da aprendizagem identifiquei que muitos não sabiam ler e escrever, então, para facilitar utilizamos muitos materiais lúdicos como: jogos da memória de rimas, escrita de letras com tintas, correspondência de letra-som, jogo da forca, caça ao tesouro de palavras ou das figuras com determinadas iniciais, ou finais de sílabas/letras. Além disso, houve a utilização de bastantes jornais e revistas com notícias pequenas do nosso cotidiano, que os possibilitou compreender a conexão entre fala e escrita.

Acima de tudo, levo em conta o que Mello (2010) expõe, a necessidade de criarmos e trabalharmos com um sentido de escrita que faça os estudantes perceberem e experienciarem situações em que associem o ler e escrever com a sua função social, o seu processo histórico e cultural que nos leva a comunicação.

Simultaneamente, para as práticas de leitura, o que mais envolvia a turma eram os gêneros músicas, parlendas e histórias em quadrinhos, o que facilitou a imersão mais rápida no mundo da leitura. Dessa forma, já os recepcionavam com as músicas preferidas, escolhidas por eles antes, o que possibilitava a construção do plano de aula e da sequência didática em cima da letra da música, parlenda ou histórias em quadrinho.

Em suma, a cada semana foram realizados planos de aulas que se identificassem com cada turma e nível dos estudantes, além de significativo para eles, de uma forma em que não só terminassem alfabetizados, mas letrados criticamente e cientes de que poderiam conquistar muito mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decerto, que o processo de alfabetização é cansativo, leva muito tempo para planejar e conhecer cada estudante: do que eles gostavam fora da sala de aula, o que eu poderia fazer de diferente do professor fixo, como conquistá-los e como ser paciente com o tempo de aprendizado de cada um.

Todavia, foi extremamente gratificante. Confesso que me surpreendi com a vontade e a participação de todos em fazer parte da construção do plano de aula, como também percebi que eles gostavam e se organizavam sozinhos para escolherem sobre o que queriam conversar, brincar, ler, ouvir. Consequentemente, foi muito importante para motivar a autonomia e firmar que a participação e a construção da sala de aula pertenciam a todos.

Evidentemente, que a cada aula me sinto mais acolhida, a cada abraço me sinto preenchida por carinhos e aumenta meu vínculo com os alunos e a Escola. Pois, a cada etapa, eles necessitarão estar preparados e eu mais ainda para orientá-los e compartilhar qual o melhor caminho a seguir. Como resultado, conheci na prática o processo de alfabetização, algo que durante as aulas na universidade e nos diversos textos lidos não é possível captar.

Por fim, tudo o que vivi como estagiária até agora, de uma escola municipal da Cidade do Salvador-BA, foi muito novo e desafiador. Em suma, acompanhar toda a evolução dos alunos e os processos de planejamento da escola ampliou em muito os meus horizontes de como ser uma docente, além de fortalecer toda a minha trajetória de graduanda.

REFERENCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, 2002.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** 26. ed. São Paulo: Cortez, 2023. Coleção Questões da Nossa Época, v. 6.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MELLO, S. A. **A Apropriação da Escrita como Instrumento Cultural Complexo.** In: MENDONÇA, S. G. de L. e MILLER, S. (Orgs). *Vygotsky e a Escola Atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas.* Araraquara: J.M. Editora e Cultura Acadêmica Editora, 2010. 2ª edição.

SOARES, Magda Becker. **Letramento, um tema em três gêneros: O que é letramento e alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 27-60. v. 2.